

NOTAS SOBRE O ANALFABETISMO NO BRASIL

LOPES, Letícia Clara Basso¹

ROIM, Talita Prado Barbosa²

RESUMO: O presente artigo visa trazer discussões sobre a problematização na educação brasileira, que resulta em índices elevados de graus de analfabetismo. Visa mistificar o que há por trás de campanhas educacionais e de letramento; o interesse político e discutir os métodos de aprendizados aplicados no Brasil, à preparação profissional dos professores e investimentos oferecidos no campo educacional. Mostrar com dados estatísticos e bibliográficos, que conforme porcentagens publicadas e apuradas nos últimos 10 anos, o analfabetismo ainda continua sim, presente na vida de milhões de brasileiros, que resulta em grande taxa de desemprego e exclusão social para aqueles que não sabem ler e escrever.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldades de aprendizagem, analfabetismo, analfabetismo funcional.

ABSTRACT: The present article aims at bringing discussions about the problematization in Brazilian education, which results in high degrees of illiteracy. Aims to mystify what's behind educational campaigns and political interest and discuss literacy the learning methods applied in Brazil, the professional preparation of teachers and investments offered in the educational field. Show with statistical data and bibliographic, which according to published percentages and cleared in the last 10 years, illiteracy still Yes, present in the lives of millions of Brazilians, which results in unemployment and social exclusion for those who cannot read and write.

KEY-WORDS: Learning disabilities, illiteracy, functional illiteracy.

INTRODUÇÃO

O tema expõe que em pleno século XXI, a era da globalização, diante de tantas tecnologias, o analfabetismo e o analfabetismo funcional se fazem presente na vida de crianças, jovens e adultos que frequentam ou já frequentaram a escola, resultando em taxas de desempregos elevadas para essas pessoas.

Segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional; *“De 2001 a 2011, o percentual de analfabetos funcionais foi de 61% para 73%, um em cada quatro brasileiros tem pleno domínio na leitura, escrita e cálculo”*(INAF, 2011, online).

Este problema social e cultural faz-se presente na história do país desde o período colonial, quando os portugueses implantaram a literatura portuguesa e os jesuítas começaram a alfabetizar e ensinar cálculos aos nativos:

¹ Acadêmica do curso de Bacharelado em Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. Le.clabaloz@hotmail.com

² Docente dos cursos de Administração, Educação Física, Moda e Pedagogia da Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista – FAIP da Sociedade Cultural e Educacional do Interior Paulista. profitalitaprado@yahoo.com.br

No período colonial a educação brasileira era voltada para as crianças, embora os indígenas adultos tenham sido alvo de um intenso processo de formação cultural e educacional. Uma das principais missões dos jesuítas foi instruir os povos indígenas, ensinando-lhes a língua portuguesa, e catequizando-os para a fé católica. (STRELHOW, 2010 APUD PEREIRA, 2013, p. 13).

Em meados da década de 40, foram lançadas as três primeiras campanhas para alfabetização: CEAA – Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos 1945, CNER – Campanha Nacional de Educação Rural 1948, CNEA – Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo 1956; que visavam alfabetizar as pessoas desde as capitais até o interior e localização rural, em um curto período de tempo e com eficácia. Apesar de bons resultados, as campanhas foram perdendo vigor por questões políticas e assim se tornando extintas. Porém com o passar dos anos foram desenvolvidas novas campanhas e programas de alfabetização no país.

Desde então foram elaborados e esboçados vários programas que prometiam acabar com o alto índice de analfabetos no país, porém sempre foram falhos.

Há no Brasil desde 2003, o Programa Brasil Alfabetizado, realizado pelo MEC, que visa atender jovens e adultos para a alfabetização. O Programa Brasil Alfabetizado, abrange todas as regiões do Brasil, mas tem 90% do atendimento na região Nordeste; onde o índice de analfabetos segundo o IBGE é de 16,6%.

No país, há também um novo seguimento de programa chamado EJA: Educação de Jovens e Adultos, que visa unificar as etapas de aprendizagem de jovens e adultos no ensino fundamental e médio:

A EJA compreende a educação formal e permanente, é uma forma de ensino da rede pública do Brasil, com o objetivo de desenvolver o ensino fundamental e médio com qualidade, para as pessoas que não possuem idade escolar e oportunidade. O seguimento é regularizado pelo artigo 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (a LDB, ou lei nº9394 de 20 de Dezembro de 1996) (PEREIRA, 2013, P.10)

Em média 73% das escolas municipais e estaduais de ensino fundamental e médio, crianças e jovens têm dificuldades em interpretar, elaborar textos e fazer cálculos; ou seja, analfabetos funcionais. Eles possuem essa dificuldade, por que não foram instruídos e orientados desde o início; e também não são incentivados para continuar os estudos.

[...] aproximadamente 91% da população brasileira com dez anos ou mais de idade são alfabetizados. Isto é, temos um percentual de 9% de não alfabetizados, o que equivale a dizer que aproximadamente 18 milhões de brasileiros não sabem ler e escrever [...] (IBGE,2010, online)

O ensino primário torna-se a base de tudo, desde a apresentação do abecedário até a formulação de palavras; é neste primeiro momento com letras, formas e números que a

criança deve ser orientada e incentivada para o desenvolvimento intelectual; é de suma importância que campanhas contra o analfabetismo sejam revigoradas no país. Entretanto algumas escolas não são estruturadas didaticamente e financeiramente para tal realização, o que causa o índice de analfabetos e analfabetos crescer.

1. O ANALFABETISMO E O ANALFABETISMO FUNCIONAL NO BRASIL

É considerado analfabeto absoluto, aquele que não sabe ler, escrever e fazer nenhum cálculo matemático; e é considerado analfabeto funcional, aquele que consegue ler, escrever e fazer simples equações matemáticas. Não possuem a habilidade de interpretar um texto ou uma atividade de cálculo mais elaborada.

“No Brasil, há aproximadamente 14 milhões de Analfabetos absolutos e um pouco mais de 35 milhões de Analfabetos funcionais.” (IBOPE, 2005, On line). Isto é; o Analfabetismo funcional atingiu cerca de 68% da população, uma porcentagem alta, que mesmo com o passar dos anos e com campanhas governamentais para combater o analfabetismo no Brasil, que ainda não alcançou resultados significativos, tornado as campanhas como falho.

Vários fatores implicam para que os resultados não sejam satisfatórios:

“A educação de jovens e adultos analfabetos é sabidamente um processo difícil. Trabalho em geral pesado durante o dia, escassa disponibilidade de tempo, ausência de incentivos nas rotinas do cotidiano para a prática do aprendizado adquirido, entre outros fatores, responderiam por grandes índices de evasão, problemas de aprendizagem, regressão ao analfabetismo e precário rendimento dos cursos. Essas dificuldades, que são reais, naturalmente não podem justificar o abandono das atividades. Pelo contrário, impõem a procura e a adoção de procedimentos adequados à natureza dos desafios colocados pela EJA – Educação de Jovens e Adultos” (Beisiegel, 1997, p.31 APUD Carvalho, 2009, p.11)

Contamos no Brasil com inúmeras campanhas e programas educacionais já findadas, há tempos, para enfim acabar com o analfabetismo e o analfabetismo funcional, entretanto o descaso com a educação resultou em problemas críticos, sociais e culturais no país, que despertou em alguns governantes a necessidade de mudar a situação;

Podemos perceber que este descaso com a educação levou o Brasil a alcançar, a incrível marca de 72% de analfabetismo em 1920. Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano da história da educação brasileiro que previa tratamento específico para a educação de jovens e adulto. E foi

a partir da década de 40 e com grande força na década de 50 que a educação de jovens e adultos voltaram a pautar a lista de prioridades necessárias do país. (STRELHOW, 2010, p. 52 APUD, PEREIRA, 2013, p.16)

Com o passar dos anos, novos programas foram aplicados, novos programas para combater a analfabetização no país, uma delas foi o Programa Brasil Alfabetizado em 2013 pelo MEC, com objetivos revolucionários, de alfabetizar plenamente pessoas em 4 anos, contudo o programa teve sua ideia principal;

Em 2003, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, que no início tinha característica de mais uma campanha com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, tendo uma atuação sobre 20 milhões de pessoas. No entanto, em 2004, com a mudança do Ministro da Educação, o programa foi reformulado, retirando-se a meta de erradicar, o analfabetismo de 4 anos e a duração dos projetos de alfabetização foi ampliada em 2 meses, de 4 meses para 8 meses. (STRELHOW,2010, p.56 APUD PEREIRA, 2013, p.25)

A falta de comprometimento com a educação é um dos fatores históricos que contribuem para que a situação da educação não evolua, e que tantos programas e campanhas se tornem falhos, obtendo assim a realidade assustadora em nosso país;

São mais de 20 milhões de analfabetos considerados absolutos e passam de 30 milhões os considerados analfabetos funcionais, que chegaram a frequentar uma escola, mas por falta de uso de leitura e da escrita, tornaram a posição anterior. Chegam ainda, à casa dos 70 milhões os brasileiros acima de 15 anos que não atingiram o nível mínimo de escolarização obrigatório pela constituição, ou seja, o ensino fundamental. Somam-se a esses os neo-analfabetos que, mesmo frequentando a escola, não conseguem atingir o domínio da leitura e da escrita. (STEHANOU E BASTOS, 2005 p. 273 APUD PEREIRA, 2013, p.25)

Acabar com o analfabetismo, não deve ser somente uma campanha política, deve ser antes de tudo uma preocupação governamental que será levada adiante mesmo com o fim de campanhas políticas, para que assim alcance resultados significativos para o país.

Pois a educação não deve ser compreendida apenas como o indivíduo saber ler e escrever, é necessário que ele compreenda o que esta escrevendo e lendo.

2. MÉTODOS DE ENSINO

É preciso saber qual a metodologia usar em sala de aula, pois muitas vezes os alunos não conseguem acompanhar o desenvolvimento dos outros por falta de concentração, e até mesmo problemas psicológicos que dificultam ainda mais os resultados em sala de aula.

A palavra “metodologias” se refere a um conjunto amplo de decisões relacionadas ao como fazer e implica decisões relativas a métodos, à organização de capacidades a serem atingidas, à escolha de materiais, de procedimentos de ensino, de formas de avaliar, sempre num contexto da política mais ampla de organização do ensino. (FRADE, 2007, p.15 APUDE PEREIRA, 2013, p.31,32)

Existem vários métodos de ensino e letramento, porém cada professor deve desenvolver o próprio método, tendo seguimento a um método específico; exemplificando, seguir o método de alfabetização da cartilha, porém desenvolver as condições a serem aplicadas diante de cada sala de aula, pois em cada sala de aula há um novo tipo de aluno e suas realidades e dificuldades.

Alguns professores optam em realizar atividades que chamem a atenção dos alunos, como por exemplo, ensinam através de livros, filmes, músicas, jogos, dinâmicas, entre muitos outros métodos.

De acordo com Bregunci:

Nela se incluem os métodos de soletração, o fônico, o silábico, tendências ainda fortemente presentes nas propostas didáticas atuais. Tais métodos privilegiam os processos de decodificação, as relações entre fonemas (sons ou unidades sonoras) e grafemas (letras ou grupos de letras) e uma progressão de unidades menores (letras fonema e sílaba) a unidades mais complexas (palavra, frase, texto). Embora focalizem capacidades essenciais ao processo de alfabetização – sobretudo a consciência fonológica e a aprendizagem do sistema convencional da escrita – tais métodos, quando utilizados parcialmente e de forma exclusiva, apresentam limitações: não exploram as complexas relações entre fala e escrita, suas semelhanças e diferenças; além disso, pela ênfase que atribuem à decodificação, resultam, muitas vezes, em propostas que descontextualizam a escrita, seus usos e funções sociais, enfatizando situações artificiais de treinamento de letras, fonemas ou sílabas. (BREGUNCI, 2013, p.1 APUD PEREIRA, 2013, p.32)

Porém, em muitas instituições é possível deparar-se com a realidade de um profissional desmotivado, pela baixa remuneração, isso impacta diretamente no ensino dos alunos, pois a partir do momento em que o professor entra em sala de aula sem nenhuma vontade de estar ali ensinando e auxiliando os alunos, conseqüentemente o índice de aproveitamento escolar cairá.

Paulo Reglus Neves Freire foi educador e filósofo brasileiro, e diante todas suas obras, prática didática e luta com a alfabetização. Freirefoi considerado o

educador brasileiro mais célebre, e em 13 de abril de 2012, “foi sancionada a lei 12.612 que o declara Patrono da Educação Brasileira” (WIKIPÉDIA, 2015).

Segundo a concepção de Paulo Freire, o maior objetivo da educação é conscientizar os alunos sobre sua realidade política, social e econômica; o que nas camadas desfavorecidas da sociedade faz com que os indivíduos entendam sua situação de oprimidos e busquem meios para a sua libertação dessa condição.

Paulo Freire acreditava que não bastava apenas utilizar métodos de ensino para alfabetizar se não houvesse o interesse do aluno e do professor, era preciso os dois lados estarem dispostos, o educador e o educando;

Por isso a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador e que identificasse, como claramente observou um jovem sociólogo brasileiro (Celso Beisiegel), o conteúdo da aprendizagem. Por essa razão, não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o analfabeto mais à condição de objeto de alfabetização do que de sujeito da mesma. (FREIRE, 1980, p. 72 APUD PEREIRA, 2013, p.40)

3. PREPARO PROFISSIONAL

No Brasil, os profissionais da educação, de todo o mundo, são os mais mal remunerados; mais uma vez é possível ter a ideia dos porquês, que alguns professores não se empenham em realizar uma formação límpida entre alunos.

Falta também a preparação profissional, sendo que muitos professores saem formados, porém sem noção nenhuma de como atuar em uma sala de aula com crianças e jovens que possuem dificuldade na aprendizagem ou déficit de atenção; e há outros professores que saem da graduação sem retornar para se especializar para que haja o aperfeiçoamento em sala de aula.

Os investimentos educacionais no Brasil, são cada vez menores, segundo o pronunciamento em fevereiro de 2015, em que o deputado Frei Anastácio (PT) diz: “*De uma das áreas mais necessitadas, foram retirados mais de R\$ 78 milhões de reais. É preciso que o governo reveja isso e olhe para a educação que não pode, de forma alguma, ser encolhida*” (ANASTÁCIO, 2015. Online)

Para que o educador consiga suprir as necessidades dos alunos é preciso que ele tenha planejamento das aulas, dedicação e que principalmente tenham a consciência de que estarão em sala de aula com o papel de alfabetizadores, buscando conhecer o universo cultural dos alunos.

É preciso também que desenvolvam e avalie, a partir de métodos pedagógicos, qual será o utilizado em cada sala de aula e com cada aluno em fase de alfabetização.

O professor é o maior e melhor exemplo e incentivo que o aluno tem em sala de aula, ou seja, conforme são desenvolvidas as atividades de alfabetização e letramento, o aluno cria mais confiança em si mesmo e busca aprimorar o seu conhecimento.

O professor não precisa necessariamente amar o seu aluno, ele deve respeitar o andamento da aprendizagem de cada aluno, os limites e as dificuldades de cada aluno, respeita-los de forma humana; mas deve sim, amar a sua profissão que é despertar nos alunos novos horizontes e assim mostrar-lhes os caminhos do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que a educação brasileira sempre teve problemas, resultando em índices de analfabetismo elevados; apesar de várias campanhas implantadas e desenvolvidas; os resultados foram parcialmente atingidos e após conquistas políticas, as campanhas decaíram, resultando em níveis de analfabetos absolutos, funcionais e neo-analfabetos.

Desde o período colonial até os dias de hoje, houve o interesse político por tais ações. Todos os programas e campanhas apresentados neste artigo foram alvo de intervenção política, ou seja, por trás de todo o desenvolvimento e busca pela educação e alfabetização brasileira, houve sempre movimentos partidários que buscavam benefícios através dos programas.

É preciso que a educação e o letramento tenham a devida importância, não para promover partidos, mas sim para desenvolver pessoas; o índice de analfabetos no Brasil só irá diminuir a partir do momento que o analfabetismo não for visto como justificativa e sim como efeito da escassez do desenvolvimento, comprometimento e responsabilidade brasileira.

Em tese, todos os programas desenvolvidos foram importantes para a história do país, entretanto por não existir a continuidade nas campanhas e planos educacionais os resultados tornam-se insatisfatórios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Brasil. **Analfabetismo cai no Brasil, mas ainda atinge 13 milhões**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-09/Analfabetismo-cai-0,4-pontos-percentuais-mas-ainda-atinge-13-milh%C3%B5es>> Acesso em: 12 de maio de 2015.

Analfabetismo Funcional, Linguagem e Inclusão Social. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/atelaotexto/ARTIGO_1_ANALFABETISMO_LUCINEIA_revisado.html> . Acesso em: 07 de maio de 2015

CARVALHO, M. **Primeiras Letras Alfabetização de Jovens e Adultos em Espaços Populares**. São Paulo: Ática, 2009.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

IBGE 2010- **O número de pessoas que não sabem ler ou escrever está diminuindo no Brasil?** – Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/educacao>> Acesso em: 12 de maio de 2015

INAF. **Indicador de Alfabetismo Funcional**, 2011. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.02.01.00.00&ver=por> Acesso em: 07 de maio de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Brasil Alfabetizado 2015**. Disponível em: <<file:///E:/Programa%20Brasil%20Alfabetizado%20-%20NOVO.html>> Acesso em: 30 de abril de 2015

Pronunciamento Frei Anastácio sobre retirada de recursos da educação, 2015 – Disponível em: <<http://www.freianastacio.com.br/frei-anastacio-questiona-retirada-de-recursos-da-saude-e-reducao-de-orcamento-para-educacao-na-loa/>> Acesso em: 15 de abril de 2015.

PEREIRA, Solange Vitoriano. **A educação de jovens e adultos: novas perspectivas a partir das concepções de Paulo Freire**. 50f. TCC (em pedagogia), 2013. Faculdade de Ensino Superior do Interior Paulista, 2013.

Todos Pela Educação. **Opinião sobre o analfabetismo funcional e Dados Estatísticos**. Disponível em: <<http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/29520/opinio-analfabetismo-funcional/>> Acesso em: 12 de maio de 2015.

UOL. **Brasil ainda tem 13 milhões de analfabetos**. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/noticias/2014/09/18/brasil-ainda-tem-13-milhoes-de-analfabetos-com-15-anos-ou-mais.htm>> Acesso em: 12 de maio de 2015.

WIKIPÉDIA. Enciclopédia eletrônica. **Paulo Freire**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire> Acesso em 17 de maio de 2015.